

Paulo Freire
CONSCIENTIZAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DA
LIBERTAÇÃO. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire

Evelin Mariana Claro Barbosa*

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2021.v3i1n5.424-427>

- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Morales, 1979.

LIBERTAR: A PRIMAZIA DO ATO DE EDUCAR

Afirmar que os homens são pessoas e que, enquanto pessoas, devem ser livres, mas não fazer nada para que esta afirmação se torne realidade, sem dúvida, é uma comédia.

Paulo Freire.

A obra “*Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*”, escrita em 1979 pelo próprio Paulo Freire, aborda as experiências do autor através do método de alfabetização de adultos iniciado em 1961, e expõe a importância do diálogo, do conhecimento ao contexto social, da criticidade, da conscientização contínua e relacionada à práxis como processo de busca pela liberdade. O autor organiza a obra em três partes. Chamando-as de “Primeira Parte: O Homem e Sua Experiência”; “Segunda Parte: Alfabetização e Conscientização” e, por fim, a “Terceira Parte: Práxis da Libertação”.

Na **primeira parte**, como diz o título, desfruta-se da leitura como uma ferramenta de aproximação à história do autor, proporcionada pelos relatos de Freire referentes à sua vida, sua família, sua criação e as aprendizagens que suas experiências, nem sempre alegres, constituíram. Freire nos envolve com um ar literário em sua escrita descritiva de si mesmo. Para além do breve e envolvente relato nomeado “Paulo Freire por Si Mesmo”, o autor nos convida a uma viagem no tempo, quando nos situa no contexto histórico da experiência. Esta viagem começa no período marcado pelo crescimento do movimento da Educação Popular no Brasil, o fortalecimento das organizações sindicais rurais e urbanas, e as greves dos trabalhadores agrícolas de Pernambuco.

Freire opta por trazer os escritos referentes à época através de outros autores. Com ênfase na grande mobilização e conscientização das massas Francisco C. Weffort expressa o entendimento de que o pensamento de Freire relacionado à práxis da liberdade interferiu significativamente sobre o cenário do Brasil. Conforme aponta ao autor, foram 300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias por meio do método de Paulo Freire. Este dado surpreendeu a opinião pública, o que levou o governo nacional a programar, primeiro nas zonas urbanas e posteriormente nas zonas rurais, uma campanha de alfabetização. Entretanto, reacionários da época questionaram a motivação real desta ação e acusavam o educador de incitar rebeliões e subversão. Problematizando o contexto de exclusão dos analfabetos ao direito de votar e demonstrando que, ao serem alfabetizados e tendo direito ao voto fizeram diferença no cenário político, ficam evidentes as relações entre a ascensão popular e os trabalhos desenvolvidos por Freire.

Alfabetizando para a transformação social, a pedagogia da liberdade prepara para o exercício da democracia, ou seja, vai além de transformar uma pessoa analfabeta em um eleitor, objetiva desenvolver a criticidade diante das opções que lhe são apresentadas, para que de forma autônoma possa escolher seu caminho. Obviamente fazer emergir a luta pelos direitos do povo e, conseqüentemente, interferir nos interesses da direita não seria uma realidade aceitável para os burgueses.

Thomas R. Sanders afirma que no Chile, antes de 1964 a alfabetização de adultos recebia atenção apenas de iniciativas privadas, porém, a partir de 1965, estabeleceu-se um diálogo com o brasileiro que tinha propostas diferentes para a educação de jovens e adultos, que se diferenciavam também por não se limitar aos métodos praticados com crianças. Entretanto, transformar o diálogo com esse brasileiro em ações práticas do governo democrata-cristão foi um grande desafio, tendo em vista que os métodos haviam sido considerados subversivos no Brasil. Apesar disso, foram aceitos e, em dois anos de aplicação, levou o país a receber da UNESCO o reconhecimento entre as cinco nações que melhor souberam lidar com o problema do analfabetismo.

Seguido desta necessária contextualização, o autor “toma a palavra” novamente e inicia a **segunda parte** da obra, dedicada à alfabetização e à conscientização. A conscientização é reconhecida pelo autor como o conceito central do seu pensamento acerca da educação

como prática da liberdade, por meio da qual o conhecimento gera uma aproximação crítica da realidade. Esta criticidade se dá pelo distanciamento que o ser humano, e apenas ele, pode tomar da realidade e por meio da observação objetivá-la e agir de forma consciente sobre ela. A isto o autor chama de “práxis humana”, quando a ação e a reflexão sobre o mundo se tornam umas.

A beleza da escrita de Freire torna acessíveis diversos aspectos epistemológicos do seu pensamento. Nos desloca e nos posiciona na consciência crítica, antes apenas ingênua, em virtude de nossas experiências apenas vividas, mas não refletidas. A conscientização se dá não na tomada de consciência, mas no desenvolvimento crítico desta. Para além da apreensão da realidade o homem, ao desenvolver a criticidade sobre a realidade como objeto, “assume uma posição epistemológica” totalmente vinculada à práxis. Baseia-se na relação consciência - mundo.

A partir da conscientização o homem busca transformar a realidade e, ao transformá-la não deverá deixar de observá-la com criticidade, ou como algo que não é passível de intervenção e nova transformação, pois, se o fizer, ocupará o lugar de reacionário. Ou seja, a conscientização não pressupõe um ponto final. Um alvo único e incorruptível. Constitui-se como processo contínuo. Pressupõe que o homem assuma um papel utópico. Não como algo irrealizável, mas dialético. Um verdadeiro compromisso com a sociedade. Conscientização é o olhar crítico em constante desenvolvimento que nos leva a desmistificar a realidade, identificar os enganos da dominação e buscar superá-los.

Ainda na segunda parte da obra, Freire não poupa palavras para explicitar e exemplificar como se dá o método de alfabetização que desenvolveu. Neste método o homem é percebido como ser dotado de conhecimento, de modo que a educação precisa se dar através da troca destes saberes. Nesta perspectiva o educando também ensina ao educador. Durante este processo o diálogo é aspecto fundamental, pois o professor é o mediador e essa perspectiva pressupõe dialogicidade, valoriza as diferentes culturas e incentiva a voz ativa dos educandos.

Cada etapa do método é considerada importante e por isso é esmiuçada ao longo do texto pelo educador. Entretanto, não iremos nos ater ao método nesta resenha pois, se tratando da própria metodologia e de sua grande relevância não cabe ser reduzida a estas páginas, mas sua leitura é veementemente indicada.

A terceira parte da obra demanda a reprodução fiel às palavras do autor:

“Quem, melhor que os oprimidos, está preparado para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora? Quem sofre os efeitos da opressão com mais intensidade que os oprimidos? Quem com mais clareza que eles, pode captar a necessidade da libertação? Os oprimidos não obterão a liberdade por acaso, senão procurando-a em sua práxis e reconhecendo nela

que é necessário lutar para consegui-la. E esta luta, por causa da finalidade que lhe dão os oprimidos, representará realmente um ato de amor, oposto à falta de amor que se encontra no coração da violência dos opressores, falta de amor ainda nos casos em que se reveste de falsa generosidade.” (FREIRE,1979, p. 31.)

Após identificar os oprimidos como os principais protagonistas de sua própria libertação, o autor apresenta uma série de reflexões sobre os perigos que advém deste mesmo processo de luta. O principal deles é a grande cilada em que o oprimido converte-se ou busca converter-se em opressor. Alienado, busca copiá-lo, segui-lo, como se este fosse o objetivo final de suas ações. Mas, como bem denuncia o autor há também a cilada do desprestígio e do desprezo, que posiciona os oprimidos como dependentes. A exemplo disso Freire cita as relações entre alguns países e diz “a metrópole fala e a sociedade dependente escuta” (1979, p. 34).

Apesar destas condições em que, muitas vezes, se encontram os oprimidos, Freire exprime que quando surgem as fendas nas estruturas sociais, os oprimidos, envolvidos no processo de conscientização, deslocam-se, conseguindo observar de forma crítica a realidade.

A leitura da obra é permeada pela utopia da conscientização como meio de viabilizar a luta por direitos e a transformação da realidade. Desde os primeiros parágrafos Paulo Freire nos ensina a desnaturalizar e desmistificar o mundo e as práticas sociais estabelecidas. O posicionamento político e ideológico do pensador reconhecido como patrono da educação incomodou e continua a incomodar governos conservadores. Muito além do que a bancada conservadora pretende limitar, o pensamento freireano se fortalece e se mantém vivo e atual.

Recebido em: 15 jul. 2021.
Aprovado em: 30 jul. 2021.

* Evelin Mariana Claro Barbosa é professora Orientadora Pedagógica na Rede Municipal de São Gonçalo e professora de Apoio Educacional Especializado (AEE) na Fundação Municipal de Educação de Niterói. É graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação: Processos Formativos e Desigualdade Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Alexandra Garcia. Integra o Grupo de Pesquisa Diálogos Escolas-Universidade: Processos Formativos, Currículos e Cotidianos (UERJ).

E-mail: evelinclaro@gmail.com